



up-magazine TAP Portugal

http://upmagazine-tap.com/pt_artigos/nicole-witt/

em Jul 1, 2013 in [Viajante profissional](#)

Nicole Witt

Agente literária, faz viajar pelo mundo as obras dos autores que representa. É também em viagem até eles que descobre a realidade de que muitas vezes é feita a literatura.

Não apita nos controlos de aeroporto, não pesa nem um grama, não ocupa espaço físico, não se vê a olho nu. E, no entanto, a bagagem que a acompanha em viagem transporta um património vivo: milhares de enredos, cenários e personagens que divulga e promove num circuito exaustivo de feiras e encontros pelo mundo fora. Nicole Witt, uma das mais importantes agentes literárias do mundo hispânico e de língua portuguesa, representa, entre muitas outras, a obra de autores como José Saramago (Nobel da Literatura em 1998), Gonçalo M. Tavares, Lídia Jorge, Mario Delgado Aparain, Manuel Rivas, Luis Sepúlveda, Rachel de Queiroz, Moacyr Scliar, Paulo Lins ou Adriana Lisboa. É por eles e com eles e as palavras deles que viaja esta alemã de 44 anos, formada em Filologia Românica pela Universidade de Münster e pela Universidade de Sevilha, desde 2007 diretora da agência Mertin-Litag (com sede em Frankfurt), sucessora nestas funções da lendária agente literária, professora e tradutora Ray-Güde Mertin (falecida em janeiro de 2007). A partir dos anos 90, Ray-Güde quebrou preconceitos e mudou o entendimento do mercado editorial e livreiro internacional em relação à literatura escrita por portugueses, brasileiros, africanos de expressão portuguesa e hispano-americanos. Nicole Witt segue-lhe as passadas, multiplicando uma rede de contactos traduzidos em milhões de livros espalhados à volta do globo.

A rota do trabalho

No Rio de Janeiro, não perde uma água de coco, tomada ali mesmo, na praia de Ipanema, perto da casa onde fica sempre, a da amiga e agente literária brasileira Lúcia Riff. Em Lisboa, por mais cheia que esteja a agenda, não prescinde de comer um pastel de nata, marcar encontros no célebre Café Nicola no Rossio ou jantar com amigos portugueses que a levam a provar mais uma especialidade gastronómica deste país onde "os olhos também comem". Em Guadalajara, no México, cuja feira do livro acontece todos os anos no final de Novembro, não dispensa a ida a um mercadinho popular onde compra peças de artesanato local que depois oferece à família e ao *team* da agência no Natal. Metódica a fazer malas, gosta de viajar com pouco peso e por isso tornou-se perita

em escolher o guarda-roupa em função das zonas climáticas e do protocolo dos compromissos agendados. Em voos de longo curso, estafa-se no dia anterior e embarca num horário da noite para poder dormir durante a viagem e acordar noutra país pronta para iniciar um dia de trabalho. Como qualquer viajante profissional, Nicole Witt tem bem traçados roteiros e rotinas que a compensam do desgaste físico e do *jet lag* frequentes.

Viajar é, sobretudo, trabalho, um mapa anual de presenças imprescindíveis nas principais feiras e encontros do livro europeus (Frankfurt, Londres, Salon du Livre de Paris, Turim ou Gotemburgo), latino-americanos (Guadalajara, Buenos Aires), brasileiros (FLIP, em Paraty, Bienal do Livro de São Paulo e do Rio de Janeiro) e portugueses (Feira do Livro de Lisboa e do Porto, Correntes d'Escritas na Póvoa do Varzim) e numa série de outros eventos literários ocasionais. "O mercado do livro sofreu grandes transformações nos últimos anos. Hoje, a maior parte dos negócios fazem-se com recurso às tecnologias modernas de comunicação (email e skype), mas os encontros presenciais continuam a ser insubstituíveis. No diálogo cara a cara, surgem questões e informações aparentemente laterais, mas que, muitas vezes, se tornam essenciais e fazem toda a diferença. No meu caso, o contacto com agentes e editores e sobretudo o contacto com os autores significa um verdadeiro privilégio." Numa dimensão não estritamente profissional, a grande compensação do que faz são os afetos motivados pelas muitas palavras escritas ou em diálogo de que é feita cada uma das suas viagens.

A rota dos afetos

Nicole Witt fala um português quase perfeito, pontuado por expressões que bem podiam ser retiradas de um dos muitos livros que promove. Diz que "um lugar também pode ser uma pessoa". E exemplifica com a relação entre José Saramago (1922-2010) e Lanzarote, a ilha das Canárias onde o escritor escolheu morar desde 1993. "Visitei a ilha aos 14 anos de idade, com o meu pai, e apaixonei-me logo por aquele lugar vulcânico, aparentemente hostil e diferente de tudo. Depois, regressei lá várias vezes, para ficar em casa do José e da Pilar (Pilar del Río, mulher do escritor), e Lanzarote tornou-se um sítio literário. Para mim, José, um grande caminhante, continua a subir uma daquelas montanhas como o costumava fazer, até ao cimo. A casa (hoje Casa-Museu) continua a ser feita de letras. A ilha continua fora do mundo. Lanzarote é e será sempre o José." Também em Lisboa, junto da oliveira plantada em frente da Fundação José Saramago, instalada na Casa dos Bicos, perto do rio Tejo, Nicole reencontra "um espaço mental", uma outra espécie de ilha, esta no meio da cidade, e que é também a memória de um escritor.



Copyright: Private

A teoria e o bom senso aconselham a separar sempre a biografia e personalidade do autor da sua obra. Nicole Witt sabe-o bem, mas insiste em que acompanhar os escritores nos circuitos internacionais ou conhecê-los no seu espaço habitual e familiar é uma forma de aceder “a uma interpretação adicional da obra, também impregnada por essas experiências e vivências particulares”. É disso também que se compõem as viagens de um agente literário. Como não entender melhor a obra, por exemplo, do brasileiro Reginaldo Ferreira da Silva, vulgo Ferréz, depois de visitar a sua casa e a sua família e contactar com os seus vários projetos na favela Valo Velho, num dos bairros mais violentos do Brasil, Capão Redondo, zona sul de São Paulo?

O escritor e músico de rap Ferréz ficou famoso com o romance *Capão Pecado*, lançado em 2000, uma espécie de documentário em forma de ficção do quotidiano na favela onde cresceu, viu e escutou a maior parte das histórias relatadas. Ferréz, hoje com 37 anos, lançou e dinamiza várias iniciativas que dão voz, projeção e maior dignidade à vivência nas periferias urbanas: da revista *Literatura Marginal* à marca 1DASUL, de roupa totalmente feita no bairro, além da editora Selo Povo, a biblioteca Exôdus e os espaços de dinamização cultural Interferência e Periferia Ativa, tudo isto sediado no Capão Redondo. Numa das suas viagens a São Paulo, Nicole Witt, agente literária do escritor, foi levada por ele a conhecer a realidade quotidiana do seu trabalho: “Então percebi o quanto é fiel às suas origens e é autêntico naquilo que faz. Isso mudou a minha maneira de ler os seus livros e provou que, de facto, conhecer um autor no seu meio é muitas vezes chegar mais perto do coração das coisas”. Foi o que aconteceu também de visita à casa onde a escritora argentina Claudia Piñeiro vive com os três filhos, num condomínio de luxo nos arredores de Buenos Aires. “Tem de se apresentar o passaporte para entrar dentro destes espaços fechados, desta espécie de mundos à parte que existem em toda a América Latina e que serviram à Claudia de cenário, por exemplo, para o romance *Viúvas das Quintas-Feiras*, muito crítico da alta sociedade argentina. Essa visita foi uma experiência inesquecível, muito importante para confirmar a complexidade social que, muitas vezes, está por detrás de uma obra e de um autor.”

Eu sou outra

Nicole Witt viajou muito na infância e adolescência com o pai, um apaixonado por viagens. “Foi com ele que comecei a perceber a importância desta outra maneira de ver as pessoas e perceber o mundo à nossa volta.” Quando estudou em Sevilha, descobriu

que até a nossa relação com o corpo pode mudar em viagem. “Na Alemanha, cultivava-se uma certa distância física entre as pessoas. Primeiro em Espanha, e depois em Portugal, no Brasil e na América Latina, tive de me adaptar a um entendimento diferente da cordialidade física. Há gestos que até hoje eu não entendo, mas sei com toda a certeza que, ali, resistir ao toque é impossível.” Ri-se, e conclui: “Não posso negar que isso trouxe para a minha vida um entendimento muito diferente do contacto físico”. Afinal, viajar abre-nos a possibilidade de sermos outra pessoa. “Torno-me muito mais aberta, mais disposta a receber o que está a acontecer, a escutar... Descubro lados novos em mim e nos outros.” Viajar torna-nos personagens de enredos inesperados. Ou, como o testemunham as viagens da agente literária Nicole Witt, na essência, as viagens são afinal irmãs da literatura: “uma forma de conhecer o outro que existe também dentro de nós”.

por **Filipa Melo**